

# A complexidade da identidade sino-judaica<sup>1</sup>

## GUSTAVO PEREDNIK

Graduado em Educação pela Universidade de Buenos Aires e pela Universidade Hebraica de Jerusalém, realizou estudos de doutoramento no Seminário Teológico Judaico de New York e atualmente é professor da Universidade ORT do Uruguai

*Traduzido do inglês por Grete Bejzman*

**RESUMO** Existe documentação sobre os enclaves judeus que se estabeleceram durante os séculos XIX e XX em várias cidades chinesas, mas nada existe sobre os primeiros assentamentos. A única exceção é a comunidade de Kaifeng, na China central, cidade que se tornou a mais importante do mundo durante a dinastia Song. Em Kaifeng, os judeus se estabeleceram em 1120 e, em 1163, construíram uma sinagoga. Essa comunidade única foi descoberta pela Europa em 24 de junho de 1605 e, por volta de 1860, ela desapareceu. Hoje, mais de 18 séculos após o início dessa comunidade, e um século e meio após o seu desaparecimento, algumas pessoas em Kaifeng afirmam que seus ancestrais foram judeus e desejam preservar sua identidade judaica. Sua situação atual é complexa: eles não são reconhecidos como judeus, nem pela lei judaica nem pela lei chinesa, e são vistos com suspeita. Isto poderá estar mudando, na medida em que a sociedade chinesa continua a se abrir e que essas pessoas aumentam seu contato com os judeus de fora. É difícil prever o futuro dos judeus de Kaifeng, visto que muitas questões políticas moldam sua identidade.

**PALAVRAS-CHAVE** Kaifeng judaico-chinesa; Ai Tian; identidade sino-judaica.

**ABSTRACT** There is documentation of the Jewish enclaves hosted during the 19th and 20th centuries in several Chinese towns but not of the earlier settlements. The only exception is the community of Kaifeng, Central China, town which during the Song Dynasty became the most important in the world. Jews settled here in 1120; in 1163 they built a synagogue. This unique community was discovered by Europe on June 24, 1605, and by 1860 it disappeared. Nowadays, more than eight centuries after the beginning of the community and a century and a half after its end, some people in Kaifeng claim Jewish ancestry and wish to preserve their Jewish identity. Their current situation is complex: They are not recognized as Jews either by Jewish or Chinese law and suspicion surrounds them. This might be changing as the Chinese society continues to open and as they deepen their contact with Jews from abroad. It is difficult to foresee the future of the Jews at Kaifeng, since many political issues shape their identity.

**KEYWORDS** Sinojudaic Kaifeng; Ai Tian; Chinese Jewish identity.

## Introdução

**ESTE ARTIGO BASEIA-SE NAS PESQUISAS TEÓRICAS E EMPÍRICAS DESENVOLVIDAS PELO AUTOR**, que viajou frequentemente à China durante os anos 2001-2004, como diretor do Programa Ai Tian.<sup>2</sup> Sua principal contribuição é sintetizar a bibliografia existente sobre o vínculo entre os judeus e os chineses. O artigo, em grande parte, abre as portas para um campo bastante inexplorado, o do judaísmo chinês.

Na época de Carlo Magno (cerca de 750), os judeus “estavam entre os primeiros europeus que, muito antes da época de Marco Polo, estabeleceram contatos muito importantes com o Extremo Oriente. (...) Aproximadamente quatro séculos antes, mercadores pioneiros judeus já costumavam viajar regularmente para a China” (KELLER, 1971, p.179-183). Visto que, durante o século VIII, o papel era produzido apenas na China, a carta de 718 encontrada em Dandan, Uiliq (Turquestão Chinês), escrita em caracteres hebraicos e atualmente em exposição no Museu Britânico, é uma prova documentada da antiga presença dos judeus no país.<sup>3</sup> Ainda que, provavelmente, tenha havido comunidades judaicas, na Antiguidade, na costa sudeste da

China (Ningbo e Yangzhou) e no extremo noroeste (Ningxia), nada se sabe sobre elas (XU, 2003, p.151-166).<sup>4</sup> Por outro lado, existe alguma documentação sobre um grupo de judeus que migrou para a China já no século XII e farta informação sobre grupos que para lá migraram nos séculos XIX e XX. O primeiro grupo se estabeleceu em Kaifeng; os últimos, em Shanghai e Harbin.

De modo geral, na China, os judeus não foram vítimas de judeofobia<sup>5</sup> e construíram uma ativa vida comunitária. Eles celebravam as festas, observavam as práticas judaicas e tiveram sucesso tanto no mundo governamental quanto financeiro. Criaram até um refúgio para judeus perseguidos (como se verá, mais adiante, nos casos de Shanghai e Harbin, no século XIX) e, finalmente, desapareceram, devido aos casamentos mistos e à assimilação. Apenas uma comunidade sobreviveu por um milênio, até meados do século XIX: Kaifeng, situada às margens do Rio Amarelo, a aproximadamente 400 quilômetros ao sul de Beijing. Ironicamente, as comunidades de Shanghai e Harbin foram criadas quando a antiga comunidade judaica de Kaifeng já chegara ao fim. Embora não fossem organizados, os judeus remanescentes de Kaifeng, ao contrário dos remanescentes das duas outras comunidades, sobreviveram até a Revolução Cultural (1966-1976).

As comunidades de Shanghai e Harbin foram fundadas em 1845 e 1896, respectivamente. Shanghai começou como um porto comercial, graças ao Tratado de Nanjing de 1842 e, três anos mais tarde, foi povoada por judeus de Bagdá, liderados por Elias Sassoon.<sup>6</sup> Antes da II Guerra Mundial, Shanghai voltou a receber judeus: cerca de 20.000 refugiados da Europa Central, perseguidos pelo Nazismo.<sup>7</sup> Embora essa cidade, então, estivesse sofrendo com as hostilidades sino-japonesas que haviam começado em 1937, ela era, provavelmente, naquela ocasião, a única cidade no mundo que não

exigia visto aos judeus.<sup>8</sup>

Harbin tem uma história diferente. Quando, em 1896, a China deu à Rússia uma concessão para construir a Estrada de Ferro Chinesa Oriental (CER, sigla em inglês<sup>9</sup>), a Manchúria tornou-se uma colônia russa. O governo russo criou ali um ambiente mais tolerante às minorias. Visto que a administração da CER se encontrava em Harbin, essa cidade se tornou, de fato, a capital da Manchúria e muitos judeus que escaparam dos *pogroms* chegaram ali e desenvolveram instituições comunitárias. Tanto em Shanghai quanto em Harbin, os judeus desenvolveram uma vida social bem organizada. Em Shanghai, eles organizaram concertos e exposições, bibliotecas, esportes e jornais, apesar de que, entre fevereiro de 1943 e setembro de 1945 (nos últimos anos da guerra), tenham sido confinados num “gueto judeu”, na superpopulosa Hongkou.<sup>10</sup> Em Harbin, os judeus participaram ativamente da vida comercial, cultural e pública, e, na década de 1920, seu número se elevou a 15.000, com uma grande afluência de refugiados judeus como resultado da Revolução Bolchevique.<sup>11</sup> O êxodo final dos judeus começou com a invasão japonesa em 1931 e sua resultante ilegalidade (MEYER, 2005).<sup>12</sup> A história dos judeus de Kaifeng é inteiramente diferente.

### A descoberta dos judeus chineses

Embora os judeus nunca tenham representado uma percentagem significativa da população de Kaifeng, no seu auge ela pode ter abrigado vários milhares de judeus. A sobrevivência dessa pequeníssima diáspora judaica, isolada por cerca de mil anos, atraiu acadêmicos, escritores e turistas para desvendar sua história. Os judeus de Kaifeng foram descobertos durante o século XVII, não por judeus, mas por cristãos europeus que vieram em

duas ondas: enquanto uma testemunhou a vida dos judeus, a outra viu o seu declínio.<sup>13</sup> A primeira onda era formada por padres jesuítas, que relataram sobre os ritos na sinagoga, as festas e as leis; a segunda era formada por missionários protestantes, que informaram a dissolução do judaísmo em Kaifeng. A presença dos judeus na China era desconhecida até que um fato decisivo aconteceu em Beijing, em 26 de junho de 1605. Foi um encontro sério-cômico entre o missionário italiano Mateo Ricci e o mandarim judeu Ai Tian, que tinha vindo de Kaifeng para melhorar as atribuições do seu cargo de funcionário público (BAINBRIDGE, 1953; XU, 2003, p.103; XU; BEVERLY, 1995, p.67-80).<sup>14</sup>

Em 1601, um grupo de estrangeiros veio a Beijing. Ai Tian os procurou, visto que havia lido sobre esse grupo em um livro chamado *Things I have heard tell* (Coisas que ouvi contar). Provavelmente, Ai Tian nunca tinha encontrado alguém de fora antes e estava interessado no fato de que eles acreditavam em um só Deus, mas negavam ser muçulmanos (que era o único outro grupo monoteísta que Ai Tian conhecia, além de seu próprio, o judaico). Ricci, por sua vez, estava perplexo: depois de uma busca de duas décadas, ele finalmente encontrara “um cristão na China”. Ai Tian se sentiu encorajado ao ver “um judeu de fora” e desejava mais informações sobre as diásporas judaicas. Foi assim que começou o moderno conhecimento da comunidade judaica de Kaifeng.<sup>15</sup> Ai Tian declarou que ele tinha vindo de Kaifeng, onde muitos outros judeus residiam. Quando viu uma imagem cristã de Maria com o filho Jesus, ele acreditou ser um quadro de Rebeca com Jacob.<sup>16</sup> Ricci enviou um jesuíta chinês a Kaifeng e finalmente chegou à conclusão que judeus haviam vivido na China “desde tempos imemoriais” (POLLAK, 1980, p.3). Ai Tian informou a Ricci que a comunidade de Kaifeng compreendia seis ou oito clãs, num total

de cerca de mil pessoas. Eles se chamavam “adeptos da religião de Yi-tzu-lo-ley” (transliteração chinesa para a palavra Israel). Ricci enviou dois delegados a Kaifeng para lhes falar sobre o Novo Testamento, mas, quando esses disseram que o Messias já havia chegado, o rabino Abishai de Kaifeng rebateu dizendo que o Messias ainda não tinha vindo.<sup>17</sup> Contudo, o rabino Abishai procurou obter de Ricci os serviços como rabino e professor, desde que ele deixasse de comer porco. Dois anos depois, o rabino Abishai faleceu e seu filho Jacob não estava apto a sucedê-lo. Ricci pretendeu enviar outra missão a Kaifeng para converter os judeus ao Cristianismo antes que eles se assimilassem com as tribos pagãs circundantes, porém os judeus não se converteram e o processo de sua assimilação levou quase quatro séculos.

Hoje, Kaifeng é uma cidade com mais de meio milhão de habitantes na província de Henan. Possui poucas lembranças da sua longa história judaica e não tem nenhuma comunidade judaica: a maioria dos descendentes judeus nem se conhecem uns aos outros. Mesmo a pergunta de quantos eles são não tem uma resposta clara, uma vez que tem mais a ver com posturas oficiais do que com simples demografia.<sup>18</sup> Portanto, mesmo que as pessoas que reivindicam uma ancestralidade judaica em Kaifeng possam chegar, potencialmente, ao número de milhares, seria razoável estimá-los em não mais do que cem ou duzentos indivíduos.<sup>19</sup>

### A História dos Judeus de Kaifeng

Há poucas referências a judeus na China, tanto nos registros chineses como nos judaicos. Como se verá a seguir, nos registros chineses há menção a seis eventos relacionados a judeus, todos eles ocorridos entre 1277 e 1354. Na literatura judaica, há apenas uma referência anterior ao século XVII

sobre os judeus na China: o caso de Eldad Ha-Dani, um viajante do final do século IX, cujas origens e personalidade permanecem um mistério.<sup>20</sup> Supostamente, ele foi feito prisioneiro e seus captores o levaram para a China, onde ele foi resgatado por um mercador judeu. Eldad visitou comunidades judaicas (na Babilônia, Marrocos, Espanha) causando, onde quer que passasse, uma agitação com seus estranhos relatos sobre as Dez Tribos Perdidas e pelas mencionadas *halachot* (leis religiosas) de sua terra natal.<sup>21</sup> Alguns rabinos medievais<sup>22</sup> consideravam Eldad um impostor, embora outros<sup>23</sup> citassem suas *halachot*, apesar de não aceitá-las.

Embora comerciantes judeus tenham chegado à China provavelmente no final do século VIII, evidências concretas da presença judaica estão relacionadas ao período da Dinastia Song, quando um grupo de viajantes judeus persas ou seus descendentes passaram pelos muros da cidade. Os imperadores da Dinastia Song governaram a China entre os séculos X e XIII, o criativo período das invenções que tiveram influência mundial: a imprensa e a pólvora. A partir de 960 e durante dois séculos, Kaifeng foi sua capital, uma ativa metrópole com uma população de um milhão de habitantes, no centro de uma ampla rede de transportes, a legendária Rota da Seda. Não é de surpreender o fato de que um grupo de mercadores estrangeiros encontrasse seu espaço numa cidade aberta como Kaifeng. A história dos judeus em Kaifeng é contada por Xu Xin (2003). Foi concedida aos mercadores estrangeiros uma audiência no palácio imperial, onde o imperador Hsiua Tsung aceitou, como cortesia, o tributo de mercadorias de algodão que eles haviam trazido consigo, dizendo: “Vocês vieram para a nossa China. Respeitem e preservem os costumes dos vossos ancestrais e transmitam-nos aqui em Pien-liang (Kaifeng)”.<sup>24</sup> A história dos judeus de Kaifeng foi preservada em cinco inscrições em

placas de pedra que contêm pouca informação, além dos nomes das principais famílias judias.<sup>25</sup>

Os imigrantes judeus chegaram a Kaifeng em torno de 1120 e construíram sua sinagoga em 1163, sob a orientação do rabino Lie-Wei (Levi) (POLLAK, 1980, p. 60, 267; EBER, 1999, p.23).<sup>26</sup> Não se sabe se algum dia existiu um cemitério judeu em Kaifeng.<sup>27</sup> Admite-se que esses imigrantes vieram da Pérsia, apesar das inscrições na sinagoga sugerirem uma origem indu. A língua judeu-persa está presente nos textos litúrgicos da sinagoga e nas orientações de uma remanescente *Hagadá* (livro para a Páscoa judaica) de Kaifeng. O nome chinês para o rabino-chefe também era uma transliteração de uma palavra persa.<sup>28</sup> Kaifeng era a maior cidade do mundo de 1013 até janeiro de 1127, ano em que os soldados da Dinastia Jin invadiram, cercaram, saquearam a cidade e sequestraram o Imperador Qingzong e a corte imperial.<sup>29</sup> Esse incidente, chamado de *A Humilhação de Jingkang*<sup>30</sup>, pôs um fim à Dinastia Song do norte, que controlou a maior parte da China. Kaifeng não era mais a capital real e nunca mais retornou à sua glória anterior.<sup>31</sup>

Durante trezentos anos, até a ascensão da Dinastia Ming no século XV – a última dinastia chinesa nativa –, os chineses não tiveram conhecimento da comunidade judaica de Kaifeng. Um imperador Ming conferiu aos judeus sete sobrenomes<sup>32</sup> que eles estavam autorizados a adotar e pelos quais são identificáveis até hoje: Ai, Lao, Jun, Li, Shi, Zhang e Zhao (XU; FRIEND, 1995, p.16, 23, 103).<sup>33</sup> *Os Oito Clãs com Sete Sobrenomes* (XU; FRIEND, 1995, p.19-38) é um dos títulos com os quais os judeus são mencionados. Outra importante lei dos imperadores Ming foi mudar o processo de indicação dos funcionários públicos. Para ser indicado como funcionário civil, o candidato deveria submeter-se a Exames Imperiais, nos quais apenas um entre mil conseguia passar. Os judeus estavam au-

torizados a fazer esses exames e o ano de 1421 foi decisivo: os judeus foram aceitos para trabalhar no serviço público do governo. Cerca de trinta judeus passaram nos exames durante os séculos XVI e XVII – um feito proporcionalmente superior ao pequeno número da população judaica. Em 1461, a sinagoga foi destruída por uma inundação e a outra sinagoga que a substituiu parece ter sido consumida pelo fogo em torno de 1600. A terceira sinagoga foi destruída em 1642, por uma inundação provocada deliberadamente.<sup>34</sup> Ao menos 100.000 pessoas perderam suas vidas nessa inundação, inclusive um número indeterminado de judeus (XU, 2003, p.47-48). Xu Xin afirma que “a comunidade judaica de Kaifeng continuou a prosperar, apesar do desastre do Rio Amarelo. Zhao Yingcheng, por exemplo, fez o exame imperial em 1645, apenas três anos após a inundação” (XU, 2003, p.50). Em 1663, os mil judeus sobreviventes reconstruíram sua sinagoga com uma cerimônia de consagração. Dois irmãos que participaram dessa cerimônia chegaram à posição de mandarins e escreveram livros em chinês sobre Judaísmo, dos quais se conhecem apenas os títulos.<sup>35</sup>

#### Fontes de informações

As cinco inscrições nas placas de pedra antes mencionadas não informam sobre a vida judaica e a prática (dos rituais) em Kaifeng. A fonte dessas informações são os relatos escritos e cartas de visitantes que vieram à cidade: jesuítas nos séculos XVII e XVIII e protestantes no século XIX. Essas visitas se seguiram ao encontro entre Ricci e Ai Tian e foram relatadas por Michael Pollak (1980, p.15-38). No século XVII, Kaifeng contava com 5.000 judeus, que tinham dificuldades para manter suas tradições. Os livros de orações eram em hebraico e havia 34 pessoas com o título de rabino

ensinando essa língua. Um século após Ai Tian, em 1704, Jean-Paul Gozani (1647-1732) confirmou três características do judaísmo de Kaifeng: a existência de uma sinagoga com 13 rolos da Torá,<sup>36</sup> a presença de um líder religioso (Zhang Jiao) e a observância do *Pessach* (Páscoa judaica) e da *kashrut* (leis dietéticas judaicas). A maneira *kasher* de abater os animais fez os judeus de Kaifeng ficarem conhecidos sob um segundo nome: *Diao Jin Jiao*, “a seita que extrai os nervos” (LESLIE, 1975, p.48-49). Hoje em dia, a palavra que designa “judeu” em mandarim é Youtai (ou Youtai-ren). Visto que há várias possíveis combinações de letras para pronunciar “Youtai” ou judeu, é interessante o fato de que um grupo de direitos humanos em Taiwan tenha protestado contra a escolha das letras porque também se referem a um tipo de macaco, além de terem a conotação de ‘avarento’.<sup>37</sup> Aparentemente, esses nomes preconceituosos foram criados em 1830 por missionários que necessitavam de um termo para designar os judeus, quando estavam traduzindo a Bíblia.<sup>38</sup> A sinagoga de Kaifeng foi desenhada por Jean Domenge, que visitou a cidade em 1722, e seus desenhos estão expostos no Museu Beth Hatfutsot de Tel Aviv. Além disso, um relato de Gabriel Brotier (1723-1789), de 1770, revela que os judeus de Kaifeng sabiam ler hebraico e que sua sinagoga era orientada em direção a Jerusalém – o que, nesse caso, significava o Ocidente (WHITE, 1966, p.49-63).<sup>39</sup>

Desde então, não se acham outros documentos sobre os judeus de Kaifeng e, a partir de meados do século XIX, a comunidade começou a diminuir devido à falta de rabinos e de conhecimentos judaicos. Não havia tradução chinesa da Torá nem proficiência para lê-la no hebraico original. Para piorar, a sinagoga tinha sido repetidamente inundada pelo Rio Amarelo. Leslie chama o período de 1723-1850 de “o século perdido” (LESLIE, 1975, p.52).



Além dos objetos da sinagoga de Kaifeng, os rolos da Torá foram os mais cobiçados pelos teólogos cristãos, por duas razões. Primeiro, alguns desses teólogos alegavam que a Bíblia Hebraica tinha sido modificada pelos rabinos para excluir as porções cristãs, e eles pensavam que os rolos da Torá de Kaifeng – sendo os mais antigos existentes na época, poderiam conter referências não censuradas, antes da era talmúdica. A recuperação de um rolo original da Torá resolveria a velha disputa: se eles encontrassem as passagens alegadamente perdidas, eles provariam que as Escrituras de fato haviam sido alteradas. Uma vez tendo mostrado as discrepâncias ao mundo, esperavam uma conversão espontânea, em massa. Com o propósito de obter rolos da Torá não corrompidos anteriormente, os missionários começaram a coletá-los, começando com Álvarez Semmedo em 1642. Em 1700, Gottfried Leibniz recomendou com insistência que os clérigos obtivessem rolos da Torá, na China, para compará-los com os rolos europeus.

Uma segunda razão para estudar o estilo de vida dos judeus de Kaifeng era descobrir o segredo de sua harmoniosa coexistência com os outros chineses, inclusive os muçulmanos. Para fazer proselitismo da melhor maneira, os missionários católicos desejavam aprender como viver lado a lado com a população chinesa, mesmo que tivessem que tolerar as práticas de Confúcio. Essa segunda e longa disputa, conhecida como *Controvérsia dos Ritos Chineses*, ocorreu entre Jesuítas, de um lado (que eram tolerantes quanto ao culto religioso ancestral dos confucionistas), e os Dominicanos e Franciscanos, de outro. Devido a essa disputa, os católicos se abstiveram de converter os chineses até a II Guerra Mundial. Eles queriam primeiramente adaptar os modos de chineses e muçulmanos e só depois trazê-los para o rebanho católico. Xu Xin argumenta que a disputa “quase anulou o progra-

ma missionário católico no Extremo Oriente” (XU, 2003, p. 42).

Durante o século XVIII, os Jesuítas foram expulsos da China e o banimento dos missionários devolveu os judeus de Kaifeng ao seu estado de isolamento – mais uma vez não foram visitados por mais de um século.<sup>40</sup> As visitas foram retomadas em novembro de 1850, quando a China já estava aberta à penetração ocidental. As primeiras novas visitas resultaram de esforços de James Finn (1806-1872), um acadêmico e ativo membro da Sociedade Londrina para a Promoção do Cristianismo entre os Judeus (*London Society for Promoting Christianity among the Jews*). Durante sua pesquisa na Biblioteca Britânica, ele se deparou com os livros sobre os judeus de Kaifeng escritos pelos jesuítas dois séculos antes. Embora nunca tenha chegado a ir à China, ele conseguiu esclarecer muitos dos obscuros relatos dos jesuítas e, em 1843, publicou *The Jews in China*.<sup>41</sup> Como aconteceu com os missionários cristãos ocidentais, para Finn, os judeus de Kaifeng existiam apenas para se ajustar ao plano divino de Deus para a redenção final de toda a humanidade. Uma vez que ele estava convencido<sup>42</sup> de que a comunidade judaica de Kaifeng estava em perigo de desaparecer, em 1850 o bispo anglicano em Hong Kong enviou dois conversos protestantes chineses para trabalhar pela eventual salvação dos judeus de Kaifeng e adquirir todos os livros sagrados que pudessem.<sup>43</sup> Trouxeram com eles, a Kaifeng, uma carta apresentando-os, mas, para seu espanto, ninguém mais sabia ler em hebraico,<sup>44</sup> embora reconhecessem as letras.

Devido à grande pobreza, os judeus de Kaifeng venderam os rolos da Torá e outros manuscritos em hebraico.<sup>45</sup> Portanto, em julho de 1851, depois da sua segunda visita, os dois visitantes retornaram a Shangai com seis rolos da Torá e muitos outros manuscritos.<sup>46</sup> Desse modo, os protestantes foram bem

sucedidos em obter os rolos desejados, o que os jesuítas não tinham conseguido um século antes. As organizações cristãs que compraram seis dos rolos da Torá de Kaifeng ficaram desapontadas ao descobrir que eles eram idênticos àqueles da Europa.<sup>47</sup>

Os relatos dos visitantes, de 1851, afirmam que os judeus observavam o *Shabat*, que não comiam carne de porco, rejeitavam a poligamia e os casamentos mistos, e que algumas famílias judias extremamente pobres viviam em choupanas no terreno da sinagoga, onde os serviços religiosos eram realizados, apesar das condições precárias do prédio. Quinze anos mais tarde, a sinagoga não estava mais de pé – foi destruída pela última vez, em algum momento entre 1850 e 1866. Quando, em 1866, outro missionário protestante, W.A.P.Martin, foi a Kaifeng, a sinagoga havia sido arrasada e o que sobrou fora vendido. Somente a placa de pedra de 1489 permanecia ali, numa poça de lama.

No ano seguinte, Shmuel Iitzhak Yosef Schereschewsky (1831-1906) viajou para Kaifeng. Irene Eber, professora emérita de estudos da Ásia Oriental da Universidade Hebraica de Jerusalém e autoridade mundial sobre China e os judeus chineses, revelou a história de Schereschewsky (EBER, 1999, p.97-102). Nascido de pais judeus da Lituânia, ele se converteu e foi ordenado diácono em 1859. Fundou a Missão Episcopal em Beijing e estava então empenhado em traduzir a Bíblia Hebraica para o chinês.<sup>48</sup> Em Kaifeng, ele encontrou algumas centenas de famílias judias que já tinham perdido sua religião e haviam casado fora do judaísmo com pessoas da população local, das quais quase não eram distinguíveis. Depois de uma estada de quase um mês, Schereschewsky foi cercado por uma turba e apressadamente partiu da cidade. Outro visitante foi o bispo canadense, William Charles White (1873-1960), que fundou uma missão anglicana em Kaifeng em 1898, e que comprou muitos dos objetos

dos judeus chineses e os transferiu para a igreja em Toronto.<sup>49</sup> White ficou 40 anos na China, retornou a Toronto em 1934 e, mais tarde, publicou *Judeus Chineses*, uma coleção de artigos acadêmicos sobre a comunidade de Kaifeng.<sup>50</sup> Em 1900, foi relatado que os judeus se encontravam em casas particulares, realizavam a circuncisão e mantinham o *Shabat* e algumas festas. Em 1914, os judeus de Kaifeng, que eram um pouco mais de uma centena, venderam o terreno de sua sinagoga aos missionários canadenses e ali foi construído um playground da ACM (Associação Cristã de Moços). Em novembro de 1932, David A. Brown, editor de um periódico americano-judeu, foi para Kaifeng e realizou, junto com o bispo White, o último encontro comunitário formal da comunidade. Cinco clãs que pouco sabiam de suas origens ou cultura estavam representadas. O romance fictício, *Peony*<sup>51</sup> (1948), de Pearl Buck – criada na China – trata de uma família chinesa-judaica de Kaifeng.

### Sinificação e declínio

Irene Eber descreve o processo pelo qual os judeus chineses passaram, não como assimilação, mas como sinificação: a combinação de características chinesas com costumes judaicos. Sinificação queria dizer adotar os padrões chineses seletivamente, levando a uma acomodação à sociedade. Uma vez que as placas de pedra haviam sido expostas e escritas em chinês, isto queria dizer que elas deveriam poder ser lidas pelos chineses.<sup>52</sup> A placa de pedra de 1489 tenta demonstrar que os princípios sobre os quais o Judaísmo e o Confucionismo são baseados são quase os mesmos. De acordo com o texto, o incenso é queimado na sinagoga para honrar a memória das dezenas de notáveis personagens bíblicas, mas também para honrar Confúcio.<sup>53</sup> Sacrifícios no estilo chinês eram

oferecidos em vários feriados religiosos judaicos, porém somente com comida *kasher*. Um antigo residente de Kaifeng, Shi Zhongyu, lembrava que, aos sete anos de idade, em 1928, ele olhava como, no batente de sua casa, eles substituíam o sangue bíblico de um galo por tinta espalhada com um pincel chinês para escrever. Outro traço de sinificação é estabelecer a linhagem da sabedoria. A mesma inscrição de 1489 menciona o patriarca Abraão como o fundador dessa linhagem e é apresentado como a 19ª geração de Pan Gu-Adam, um nome que combina os homens chineses e bíblicos do início da humanidade.<sup>54</sup>

Séculos de sinificação não levaram ao desaparecimento dos judeus chineses. Hoje, visitantes judeus, inclusive muitos israelenses, viajam livremente para a China e contatam os remanescentes dessa comunidade judaica que floresceu por aproximadamente dez séculos e continuou a ser identificada como judia até a década de 1840. A principal rua, no setor judaico de Kaifeng, é chamada de *A Alameda da Seita que Ensina as Escrituras*. A agência de viagens oficial chinesa CITS<sup>55</sup> tem tentado estabelecer maior contato turístico entre os judeus ocidentais e Kaifeng. Algumas organizações judaico-americanas costumavam incluir Kaifeng no seu itinerário na China, o que no final foi suspenso, visto que havia poucos locais judeus para ver: o local da sinagoga agora é ocupado por um hospital.<sup>56</sup> Desde 1982, Leo Gabow (falecido em 1998), fundador do Instituto Sino-Judaico, visitou Kaifeng várias vezes como guia turístico para judeus americanos interessados em visitar os descendentes, e publicou uma coleção de fotografias, *memorabilia* (coisas dignas de serem lembradas) e objetos relacionados com a sinagoga de Kaifeng. Wendy Abraham, que leciona chinês na Universidade de Stanford, se defrontou com a história dos judeus chineses, pela primeira vez, quando era estu-

dante universitária, na década de 1970, e está trabalhando para ajudá-los a reviverem suas tradições. Em 1997, ela conduziu seu primeiro *tour* histórico sobre os judeus de Kaifeng. A corrente de turistas durante as últimas décadas tem influenciado a maneira como os descendentes de Kaifeng se percebem a si mesmos, e há um renascimento da presença judaica devido, também, ao efeito colateral que o boom na China<sup>57</sup> teve sobre o aumento do espiritualismo (The Economist 46 [1]). Os vários assentamentos em outros centros chineses desapareceram, deixando Kaifeng como o único centro para os judeus. Vários fatores fizeram esse centro, finalmente, desaparecer também, a saber: isolamento, falta de conhecimento da história judaica e ausência de hostilidade:

1. Isolamento: Por volta do ano de 1500, os governantes Ming proibiram viagens entre os seus domínios e outros países. Consequentemente, os judeus de Kaifeng ficaram isolados por um século ou mais, e afastados de todo contato com correligionários de fora.

2. Falta de estudo do Judaísmo: conforme mencionado antes, os imperadores Ming mudaram o processo de indicação dos funcionários da nação, os quais, desde então, tinham que se submeter a rigorosos Exames Imperiais. Para ser indicado aos postos de maior prestígio e remuneração do país, era necessário passar em uma série de exames sobre textos clássicos do Confucionismo. Consequentemente, os judeus se devotaram a longos anos de estudo intenso sobre esses temas às custas dos estudos judaicos.

Depois de 1949 e do estabelecimento do governo comunista local e nacional, as expressões religiosas de qualquer tipo se tornaram, durante cerca de trinta anos, inaceitáveis.

3. A ausência de hostilidade será tratada separadamente.



### Ausência de Judeofobia

Os judeus de Kaifeng provavelmente tenham sido o grupo judaico mais intensamente visado por missões religiosas. No entanto, em todas as décadas de trabalho missionário, o único sucesso de proselitismo de judeus foi em 1924, com a conversão da família Shi ao Catolicismo.<sup>58</sup> Não há outros registros de conversões ao Cristianismo, apesar da pobreza, a falta de líderes e nenhuma educação ou conhecimento judaicos. E mesmo assim, membros dessa família Shi solicitaram, numa conferência em 1930, um rabino e um professor para recuperar a comunidade.

Quanto à ausência de hostilidade, na China não existe judeofobia profunda e histórica. Os chineses, em oposição à abordagem feita pela história cristã e islâmica, percebem os judeus e Israel sem preconceito. Na China, quando os judeus são um símbolo, geralmente são um símbolo positivo. A China muitas vezes é citada como o único país onde nunca houve expressões de ódio aos judeus e as exceções a essa regra são poucas. Uma delas é mencionada por Oliver Bainbridge, que visitou o antigo gueto de Kaifeng no início do século XX:<sup>59</sup>

Eu localizei todos os templos e mesquitas... e, na quarta manhã, visitei os locais em ruína, que não mostravam evidência da magnífica sinagoga que um dia existira ali, ou a riqueza de sua comunidade... Enquanto estava fotografando e esfregando esta pedra, milhares de chineses se juntaram ao redor e chegaram à errônea conclusão de que eu era um rabino judeu que havia vindo para socorrer os judeus chineses, os quais não eram especialmente apreciados pela porção dos muçulmanos, visto um grande número da comunidade judaica ter se fundido no Islamismo por causa de perseguições e miséria. O climax veio quando eu

subi no telhado da mesquita e comecei a examinar as telhas: milhares de chineses rodeavam a mesquita e gritavam: “Chuta o estômago do diabo!”; “Bate os miolos do demônio nas pedras!”; “Mata o judeu!”; “Sufoca aquele que arranca o nervo!”;<sup>60</sup> “Arranca as entranhas do diabo estrangeiro!”; e outras coisas diabólicas, numerosas demais e muito repugnantes para mencionar aqui. A maioria estava armada com tijolos, porretes ou facas e estava enlouquecida de raiva. A cada segundo eu pensava que aquele seria o meu último, por causa da fúria da multidão de pedintes chinesa...

O intérprete explicou aos sacerdotes muçulmanos que eu não era judeu, mas um viajante britânico e que apenas queria ver aquelas coisas. Eles disseram que se eu promettesse que, no caso da sinagoga ser reconstruída, nada interferiria com sua mesquita, as pessoas seriam pacificadas e me permitiriam ver a arca e examinar as telhas. Eles têm muito medo de que sua mesquita seja destruída se a sinagoga for reconstruída, porque temem que lhes sejam tiradas as telhas que roubaram. Eu prometi tudo que eles pediram (BAINBRIDGE, 1907).

Este é o único exemplo marcante de judeofobia na China, até a época moderna. A partir da modernidade, ocorreram algumas poucas expressões de judeofobia, até a abertura da China nos anos 1980 em diante, quando os muçulmanos de Kaifeng passaram a estabelecer contatos com muçulmanos de outros lugares, o que influenciou para que recebessem ajuda de nações muçulmanas e adotassem uma atitude predominantemente antijudaica.

A mesquita de Kaifeng difundiu uma propaganda anti-israelense, e a população muçulmana local desenvolveu uma atitude cada vez mais hostil em relação aos judeus. Uma vez que poucos judeus de fora visitam Kaifeng, essa hostilidade é canali-

zada para os descendentes da comunidade judaica de Kaifeng. Essa nova atitude mudou séculos de harmonia entre os descendentes dos judeus de Kaifeng e os muçulmanos, dos quais, em algum ponto, os judeus se tornaram amplamente indistinguíveis. Os chineses costumavam considerar os judeus como os “muçulmanos de gorro azul”<sup>61</sup> e os muçulmanos, de “muçulmanos de gorro branco”.

Durante 2002, um incidente prejudicou as relações entre Israel e a China. Os jornais da época registraram o fato ocorrido quando, devido à pressão dos Estados Unidos, Israel cancelou uma venda no valor de 350 milhões de dólares à China, do sistema de radar Phalcon que fornece informações para a manutenção da superioridade aérea e vigilância. A primeira resposta diplomática chinesa foi servir carne de porco e camarões a uma delegação israelense que veio a Beijing para celebrar a primeira década do estabelecimento das relações entre os dois países. A segunda foi a exigência da China de que toda a referência à condição judaica de Albert Einstein deveria ser retirada de uma exposição israelense sobre o físico. Einstein é uma das várias figuras científicas históricas apresentadas por Beijing como um exemplo para os estudantes chineses estudarem e respeitarem. Os israelenses disseram formalmente ao governo chinês que consideravam a exigência de suprimir a identidade judaica de Einstein como um insulto e a exposição foi cancelada. Num plano mais popular, porém, grupos de bate-papo na Internet, na China, geralmente são a favor de Israel e críticos aos árabes. Houve uma condenação oficial contra os atentados suicidas palestinos, nos quais cidadãos chineses que viviam em Israel foram vítimas.

### O Judaísmo dos judeus de Kaifeng

Embora nenhuma família de Kaifeng pratique

o judaísmo, algumas delas se consideram judias e querem ser reconhecidas como tal. Em 1952, o censo oficial registrou mais de 163 famílias como judias (Youtai). No ano seguinte, o governo Maoista decidiu que eles não podiam ser tratados como um grupo étnico distinto porque haviam se assimilado completamente com a maioria chinesa (Han) e, assim, não preenchiam os critérios.<sup>62</sup> Entretanto, as autoridades determinaram que esses judeus não deveriam ser discriminados, uma vez que “isto ajudará gradualmente a diminuir as diferenças que eles possam, psicológica e emocionalmente, sentir existir entre eles e os Han”.<sup>63</sup>

A China tem 55 minorias nacionais.<sup>64</sup> As duas maiores são os Zhuang (15 milhões) e os Uygur,<sup>65</sup> sendo esses últimos, na sua maioria, muçulmanos.<sup>66</sup> Há mais de 20 milhões de muçulmanos na China, e eles têm permissão de manter seus estudos do árabe e de observar a religião nas mesquitas, uma vez que o islamismo é uma das cinco religiões permitidas na China (junto com o catolicismo, o protestantismo, o budismo e o taoísmo). O judaísmo não é permitido, embora nem sempre a proibição seja rigidamente aplicada, e os judeus há muito tempo perderam seu conhecimento do hebraico e seu lugar de encontro comunitário para o culto religioso. Muitos judeus foram, ao longo dos anos, absorvidos pelo islamismo, uma vez que os costumes e as práticas desta religião eram percebidas, na China, como semelhantes às do judaísmo.

Por uma omissão, livros de registro classificando essas pessoas como Youtai (judeus) não foram atualizados e, em 1986, quando a China começou a emitir carteiras de identidade, as autoridades locais simplesmente copiaram essa mesma designação. O Departamento de Assuntos Estrangeiros do governo provincial de Henan, em 2 de julho de 1984, informou aos funcionários que doações para ajudar os judeus “deveriam ser recusadas em

termos bem educados se fossem religiosamente orientadas ou implicassem uma nação judaica”.

Ze'ev Sufott, o primeiro embaixador de Israel na China, declarou em 1992 que os descendentes de Kaifeng “eram judeus assim como eu sou chinês.” A política de Israel para eles é recebê-los cordialmente, mas não encorajar suas expectativas de se considerarem judeus. Essa aproximação cautelosa pode muito bem estar sendo influenciada tanto pela relutância em interferir nos negócios internos da China quanto pela incerteza sobre o número de pessoas e sobre quem teria o direito, pela Lei do Retorno, a se estabelecerem em Israel. O problema é que, de acordo com a *Halachá* (a lei religiosa judaica), eles não são reconhecidos como judeus uma vez que seguiram a linha patrilinear, entre outras razões, devido à escassez de mulheres judias com quem casar.<sup>67</sup> Em 1996, alguns dos descendentes solicitaram vistos de imigração para Israel, mas a embaixada de Israel em Beijing só os fornecia se eles pudessem mostrar prova documental de que eram realmente judeus. As autoridades chinesas confiscaram suas carteiras de identidade e emitiram outras, designando-os como “Hui” (chineses muçulmanos) ou “Han.” A Comissão Governamental dos Negócios das Nacionalidades, da China, declara que no passado não encontrou base alguma para reconhecer uma minoria judaica, e ela não está inclinada a reabrir essa averiguação porque a assimilação dos judeus de Kaifeng para a cultura chinesa foi total. Alguns poucos descendentes, incluindo um juiz de uma corte provincial, receberam permissão de se denominarem judeus em seus documentos de identidade. A política oficial é ambígua: por um lado, ela nega qualquer conexão entre os descendentes e os judeus de Israel e torna a religião judaica um tabu para eles. Por outro lado, o governo da cidade, em geral, tem apoiado os esforços dos descendentes judeus de

celebrarem sua história e preservarem sua escassa coleção de relíquias. Acadêmicos estrangeiros e turistas têm liberdade de se encontrar com eles e de visitar seus locais históricos.

Os líderes da cidade esperam usar as ligações de Kaifeng com o Judaísmo para trazer investimento estrangeiro para esse ignorado canto da China. Homens de negócios judeus, de além-mar, têm sido convidados a Kaifeng para examinar as oportunidades, e a cidade aprovou “uma Zona Especial de Desenvolvimento Econômico para Judeus de Além-Mar.” Desde que Israel e China estabeleceram relações diplomáticas, em 1992, várias delegações judias vieram a Kaifeng, mas nenhuma chegou a fazer algum negócio sólido, principalmente devido a suspeitas de proselitismo. Assim, embora o judaísmo não seja uma das cinco religiões oficialmente permitidas, há comunidades judaicas incipientes de algumas centenas de pessoas em Shanghai, Beijing e Guangzhou.<sup>68</sup> Os rituais judaicos não sofrem restrição e emissários do movimento Chabad-Lubavitch<sup>69</sup> têm estabelecido serviços na sinagoga e outras recursos.<sup>70</sup>

### Influência Externa

Hoje, os judeus de Kaifeng sabem muito pouco sobre judaísmo e a sua única característica real judaica é o conhecimento que têm de sua origem. Apesar dos casamentos mistos, de não saberem ler hebraico e da perda dos textos religiosos, eles reivindicam pertencer ao judaísmo, graças à memória auxiliada pela tradição oral. Outra razão possível é chamada, por Zhou Xun, da Universidade de Londres, “a construção dos ‘judeus chineses’”. Vis-to que a economia da cidade agora está baseada principalmente no turismo, a permanente fascinação por sua “comunidade judaica” tem provado ser uma atração essencial. Este é um dos novos sig-

nificados para os hoje “descendentes de judeus” vivos.<sup>71</sup> É evidente que fatores externos ajudaram e ainda ajudam a manter a consciência judaica viva em Kaifeng.

Durante a década de 1860, a sinagoga de Kaifeng foi demolida e o que restou foi vendido, marcando o fim de um milênio de contínua vida judaica na China. Em 1900, os textos e rolos remanescentes foram transferidos para as missões cristãs em Shanghai. Quando os judeus ocidentais, nessa cidade, viram esses objetos judaicos em poder dos cristãos, se sentiram atingidos e fundaram a *Sociedade de Shanghai para o Resgate dos Judeus Chineses* com o objetivo de ajudar seus irmãos em Kaifeng.<sup>72</sup> Eles trouxeram alguns judeus para Shanghai, os quais estavam ansiosos para obter apoio financeiro para reconstruir a sinagoga.<sup>73</sup> Mas já era tarde demais.

Foi somente em 1985 que foi fundado o *Instituto Sino-Judaico* em Palo Alto, Califórnia, para ajudar a criar uma ala judaica no Museu Municipal de Kaifeng.<sup>74</sup> Isto foi possível graças ao trabalho do professor Xu Xin, da Universidade de Nanjing que, desde 2002, realizava seminários sobre História e Cultura Judaica para alguns descendentes.<sup>75</sup> Xu Xin é um importante fomentador das relações Sino-Israel. Em abril de 1989, ele fundou a *Associação de Estudos Judaicos da China* e, em 1993, editou uma versão chinesa reduzida, de mil páginas, da *Enciclopédia Judaica*. Ele montou a maior biblioteca judaica no país, com mais de 6.000 livros. Xu Xin, cuja educação foi interrompida pela Revolução Cultural, aprendeu inglês ouvindo a Voz da América e discos de gramofone. Sua carreira de professor de literatura inglesa e americana levou-o a pesquisar os escritores judeus-americanos e, desde 1986, ele tem dado conferências e escrito sobre Judaísmo e sobre os judeus na China, além de organizar oficinas, exposições e conferências sobre temas judaicos, das quais tanto acadêmicos

chineses como acadêmicos judeus participam.<sup>76</sup> Durante 1995, Xu Xin pesquisou no *Hebrew Union College* em Cincinnati o que ele chama de sua experiência “do judaísmo do livro para o judaísmo vivo.” Na HUC (*Hebrew Union College*), ele encontrou 59 livros escritos por judeus chineses de Kaifeng.<sup>77</sup>

Em 1998, foi produzido um documentário – *Minian em Kaifeng*. Recentemente, outro documentário – *Kaifeng, Jerusalém* – foi produzido por Noam Urbach em Mandarim, Henanese, Hebraico e Inglês<sup>78</sup> e filmado durante seis anos em Israel e na China, acompanhando os descendentes judeus chineses da antiga capital de Kaifeng e sua busca pelo renascimento cultural. O documentário examina a estranha situação política da comunidade, pelo fato de que tanto a China como Israel, cada um por suas próprias razões, se recusam a reconhecer oficialmente esses descendentes.<sup>79</sup>

Durante a década de 1990, Wang Yisha, ex-cura-dor do Museu Municipal de Kaifeng e um *expert* sobre descendentes judeus chineses, junto com um deles – o anteriormente mencionado Shi Zhongyu – trabalhou para reconstruir as genealogias dos judeus de Kaifeng.<sup>80</sup> Com esse objetivo, eles solicitaram o *Livro em Chinês e Hebraico de Memória dos Mortos*, que havia sido pesquisado pelo estudioso sino-judeu Donald Daniel Leslie.<sup>81</sup> Pesquisador dos descendentes judeus chineses em Kaifeng por mais de um quarto de século, Wang Yisha, falecido em 1996, deixou os registros meticulosos e informações detalhadas sobre os judeus de Kaifeng no século XX, depois da obra antes mencionada, *Judeus Chineses* (1942), do bispo White, que foi o primeiro trabalho importante sobre o assunto. Escrito em três volumes, assim como o livro de White havia sido originalmente, Wang Yisha escreveu *Anais dos Judeus Chineses*. Um dos volumes tem o título de *Objecções aos Judeus Chineses de White*.<sup>82</sup>

## Denominadores Comuns

As traduções da Bíblia para o chinês clássico e vernáculo no século XIX influenciaram os intelectuais chineses e até os levaram a declarar que “os assuntos tratados na Bíblia não são muito diferentes da sabedoria dos sábios chineses ao longo das gerações.” Os denominadores comuns entre os judeus e os chineses começaram a ser enfatizados. Entre eles, a antiguidade das duas civilizações, sua continuidade histórica e o fato de que ambas são culturas do livro e não de crenças. Desde então, os escritores chineses frequentemente inseriam versículos do texto bíblico em seus trabalhos. O escritor do século XIX, Liu Changxiang, escreveu que os Dez Mandamentos de Moisés eram equivalentes a um dos clássicos textos de Confúcio. Da mesma forma, algumas fontes judaicas também mencionam a relação entre a China e os judeus, notadamente o estudioso da Renascença, Judah Löw b. Bezalel – o Maharal de Praga – e Manasseh Ben Israel, um dos mais famosos rabinos do século XVII.

O Maharal de Praga, em seu livro *Nezah Yisra-*el** (LÖW, 1599), afirmou que os judeus da China são descendentes dos recabitas e que a China é mencionada pelos Profetas de Israel (Livro de Isaías, 49;12). Além disso, Manasseh Ben Israel se baseou nessa profecia para dizer que as Tribos Perdidas tinham chegado ao Novo Mundo via China (BEN ISRAEL, 1650; 1656).

Um fato que pode ajudar o renascimento da comunidade judaica, que não sofre perseguições naquele país, é o fortalecimento das relações entre a China e Israel. Naturalmente, as diferenças entre esses dois países são enormes: 1. A superfície do território de Israel é quatrocentas vezes menor do que a da China, enquanto que a população chinesa é duzentas vezes maior do que a israelense. 2. Um país é o coração da Ásia, o outro, a ponte en-

tre o Ocidente e o Oriente. Entretanto, os denominadores comuns entre os chineses e os judeus não são poucos: 1. Eles são duas civilizações milenárias; 2. Ambos os países foram redefinidos, respectivamente, em 1948 e 1949, com a criação dos modernos Israel e China, e eles possuem minorias nacionais de aproximadamente 10% da sua população; 3. Em um mundo que favorece as línguas ocidentais, tanto a China quanto Israel são, orgulhosamente, leais às suas respectivas línguas antigas e aos seus alfabetos únicos; 4. A renovação do Hebraico Bíblico nos tempos modernos tem paralelo na simplificação do antigo Mandarim, na China; 5. O judaísmo e o confucionismo são baseados em atos e não em dogmas. Para nenhum deles a teologia é central; eles compartilham uma abordagem basicamente otimista da natureza humana. Uma máxima que é fundamental para ambas as civilizações é que “Não faça aos outros o que você não deseja que eles façam a ti mesmo,” e que é encontrada tanto no *Talmud* (Shabbat 31a) como em *Analects* de Confúcio (Livro 15, p.23); 6. Ambas as religiões são estritamente não missionárias e são tolerantes com o mundo exterior. Confúcio pregou na mesma época que os profetas hebraicos e ambas as civilizações se consolidaram em escritos, entre os séculos VIII e IX AEC (Antes da era comum), através do profetismo em Israel e do taoísmo na China; 7. Tanto os judeus quanto os chineses têm uma longa história de sofrimento e perseguição. As perdas dos chineses durante a Segunda Guerra Mundial (durante a qual seus inimigos, Japão e Alemanha, eram aliados) trouxeram suas tragédias ao ponto máximo. Os chineses tendem a comparar o Holocausto com *A Violação de Nanjing*. Todas essas semelhanças fortalecem a identidade dos descendentes dos judeus de Kaifeng, cuja situação atual é complexa. A maioria deles tem consciência da sua descendência, mas poucos têm



fontes diretas indicando sua origem. A vasta maioria desconhece uma identidade judaica em comum com judeus de outros lugares. Essa situação pode estar mudando, à medida que grupos fora da China continuam com seus esforços em educar os descendentes da comunidade de Kaifeng sobre sua herança.

## NOTAS

1 Este artigo baseia-se em dois textos publicados pelo autor em 2007, em espanhol e em inglês (PEREDNIK, 2007a; 2007b).

2 O “Programa Ai Tian para o Conhecimento Judaico na China” (*Ai Tian Program for Jewish Understanding in China*) foi lançado em 2001, com o objetivo de construir pontes entre chineses e judeus. Através deste Programa, o autor fez conferências em várias universidades e escolas secundárias chinesas e lecionou a descendentes de judeus de Kaifeng.

3 Este trabalho foi escrito pela primeira vez provavelmente em 105, por Ts’ai Lun, e introduzido na Europa mil anos mais tarde. A carta é escrita em judeu-persa e o autor da carta era um aventureiro mercador judeu, que buscava ajuda de um correligionário em Ispahan para vender um rebanho de ovelhas de baixa qualidade.

4 Xu Xin relata a história de cada bairro judeu chinês em “Os Judeus de Kaifeng, China” (*The Jews of Kaifeng, China*)

5 Neste artigo, o termo “antisemitismo” é substituído pela expressão “judeofobia”, que está sendo cada vez mais aceita. Ver PEREDNIK, Gustavo. *Amarás Teu Próximo? – A Judeofobia na Cultura Universal*, Mekorot Produções Culturais, Porto Alegre, 2002, com prólogo de Moacyr Scliar. O livro original, em espanhol, foi publicado em Barcelona em 2001: *La Judeofobia*, (PEREDNIK, 2001).

6 Ele era filho de Davi Sassoon (1792-1864), patriarca dos judeus de Bagdad em Bombaim.

7 A comunidade era mantida apenas por organizações assistenciais judaicas.

8 Para a China, a II Guerra Mundial realmente começou em março de 1931, quando a Manchúria (as três províncias do nordeste da China) foi invadida pelo Japão. Em julho de 1937, irrompeu a guerra aberta entre as duas forças.

9 Ligava a Estrada de Ferro Transiberiana a Vladivostok.

10 As severas condições de semiconfinamento pioravam cada vez mais.

11 Esses eventos também trouxeram para Harbin muitos cossacos judeofóbicos e os Guardas Brancos.

12 Os judeus dirigiram-se principalmente para Shanghai, Mukden, Dairen, Tianjin e Qingdao.

13 Viajantes cristãos já haviam encontrado judeus na China anteriormente, durante a última parte do século XII. Por volta de 1286, Marco Polo encontrou vários judeus em Beijing. No século XIV, John de Montecorvino, Andrew de Perugia e John de Maringnoli também registraram a presença de judeus na China.

14 Ele ocupava a magistratura distrital. Mais tarde, no mesmo ano, ele se tornou superintendente de escolas em toda a província.

15 Em 26 de julho de 1605, Ricci escreveu ao seu superior, Claudio Aquavia, a respeito de seu encontro com Ai Tian.

16 Aconteceu de Ai Tian chegar a Beijing para a festa de São João Batista. Uma pintura da Madona e seu Filho tinha sido colocada em um lado do altar e um retrato de São João, do outro. Ricci se aproximou do altar e se ajoelhou. Ai Tian pensou que a pintura representava Rebeca e seus filhos Jacob e Esaú e também se ajoelhou como cortesia ao seu anfitrião. Ele contou a Ricci que não era costume da sua comunidade venerar imagens, mas ele, pessoalmente, não via nenhum mal em homenagear os ancestrais.

17 De acordo com Ricci, Rabi Abishai declarou que o Messias não era esperado por mais mil anos.

18 Por exemplo, o número de manchus (da Manchúria) caiu de dois milhões para meio milhão e depois pulou para cinco milhões, dependendo de quanto eles temiam uma perseguição e de quando as políticas oficiais para as minorias lhes davam direitos de proteção.

19 O último censo, realizado em 1952, revelou o número oficial de cerca de 400 judeus em Kaifeng.

20 Eldad declarou ter sido cidadão de um estado judaico independente no leste africano, habitado pela tribo de Dan (por isso, seu nome). As viagens de Eldad foram documentadas, em hebraico, muitas vezes – Mantua, 1480; Constantinopla, 1516; Veneza, 1544 – e em tedesco (alemão), a partir de 1605.

21 Essas *halachot* escritas em hebraico tratam da forma de sacrificar os animais. Os relatos de Eldad logo se espalharam, e há oito versões deles, sendo que a primeira versão apareceu em Mântua, em 1480.

22 Meir de Rothenburg e Abraham Ibn Ezra.

23 Rashi, Asher ben Yehiel e os Tosafistas.

24 Em 1489, a comunidade inscreveu as palavras de boas vindas do imperador numa placa de pedra, que colocaram no pátio da sinagoga.

25 Respectivamente de 1489, 1512, 1663 e 1679.

26 Na intersecção das ruas *Earth Market* e *Fire God* de Kaifeng (XU, 2003, p. 20-21).

27 Se existiu, já desapareceu há muito tempo, e cemitérios de linhagem começaram a ser usados.

28 *Wussutu* é uma transliteração chinesa de *Ustad*, mestre ou rabino na lingual persa.

29 A família real fugiu para Lind'an e estabeleceu um novo governo, agora conhecido como Song do Sul.

30 É chamado de "Jingkang" por causa do nome (ou lema) do Imperador Qinzong e seu curto reinado.

31 Em 1272, Kublai Khan mudou a capital para Beijing.

32 Os sobrenomes foram conferidos como reconhecimento à ajuda dada por um judeu, em 1420, à família real.

33 Outros chineses podem ter algum desses sobrenomes, mas os descendentes dos judeus terão, quase exclusivamente, apenas um desses sete nomes.

34 Foi ocasionado pelo rompimento deliberado dos diques do Rio Amarelo, como parte de um plano para acabar com um prolongado cerco da cidade pelas forças rebeldes.

35 "Registro das Vicissitudes das Sagradas Escrituras" – *Record of the Vicissitudes of the Holy Scriptures* (a história e livros sagrados dos judeus de Kaifeng) e "Introdução a

um Modo Distinto" – *Preface to the Illustrious Way* – (os princípios do Judaísmo).

36 Gozani tomou conhecimento de que doze rolos tinham sido dedicados às doze tribos e, o mais velho, à memória de Moisés. No fim, os rolos foram vendidos e dispersos, conforme relatado em Michael Pollak, em "Os Rolos da Torá dos Judeus Chineses" (*The Torah rolls of the Chinese Jews*), "A História, Significado e Paradeiro Atual das Sifrei Torah da Extinta Comunidade Judaica de Kaifeng" (*The History, Significance and Present Whereabouts of the Sifrei Torah of the Defunct Jewish Community of Kaifeng*), Dallas, Bridwell Library Southern Methodist University (1975).

37 Fundação do Tempo de Paz de Taiwan (*Peacetime Foundation of Taiwan*) dirigida por Chien His-chieh, que trouxe o assunto à atenção do governo de Taiwan em 2003, e novamente em Outubro de 2004.

38 O governo de Taiwan, sob a presidência de Chen Shui-bian, disse que ajudaria a promover a nova maneira de escrever o termo para os judeus em livros, jornais e na Internet, se grupos civis locais continuassem a promover a ideia.

39 É baseado em cartas escritas por vários visitantes jesuítas.

40 Desde que a *Congregação dos Ritos* condenou os rituais de Confúcio e advertiu os membros da igreja que tais cerimônias estavam proibidas, o imperador Kang His revidou, ordenando aos padres católicos, em 1706, a continuar a política tolerante instituída por Ricci ou que deixassem o país.

41 A segunda publicação de Finn sobre o assunto "A Colônia Orfã dos Judeus na China" (*The Orphan Colony of the Jews in China*), na década de 1870, causou a maior impressão e se tornou a história ocidental dos judeus na China.

42 Por uma carta de 1850, escrita em chinês por Chao Nien-tsu, em Kaifeng, enviada a Finn em 20 de agosto pelo consul inglês em Amoy, Temple H. Layton.

43 Oiu Tianshang e Jiang Rongii foram despachados de Shanghai pelo Reverendo George Smith, bispo de Vitória.

44 O hebraico havia caído em completo desuso com a

morte do seu último rabino, cerca de 50 anos antes.

45 Muitos estão agora na Biblioteca Klau, da Hebrew Union College, em Cincinnati.

46 Eles foram acompanhados pelos dois irmãos da família Zhao que deviam estudar Hebraico.

47 Os rolos foram finalmente vendidos e dispersos, conforme conta Michael Pollak (1980).

48 A tradução de Schereschewsky da Bíblia Hebraica para o Mandarim é chamada de “A Bíblia dos Dois Dedos” porque o tradutor tinha tido um derrame cerebral em 1881, que paralizou suas mãos, e ele teve que completar seu trabalho com apenas dois dedos.

49 Ele foi Bispo até 1933 e sua compilação *Chinese Jews* foi publicada em 1942.

50 White se tornou curador, na Ásia Oriental, do Real Museu de Ontário, que agora possui onze itens da comunidade de Kaifeng.

51 A história acontece há um século atrás e registra a vida de Peony, uma escrava vendida a uma família judaico-chinesa. A edição de 1990 do romance inclui um posfácio de Wendy Abraham.

52 É por isto que a época da chegada dos judeus é explicada em termos da história chinesa.

53 Confúcio é reverenciado, mais como um mestre moral do que como uma figura religiosa.

54 A placa de pedra explica que o ensino foi transmitido de Abraão a Moisés, e depois a Ezra.

55 Agência de Viagem Internacional da China.

56 O Congresso Judaico-Americano abandonou o tour para Kaifeng em 1986.

57 Desde 1980, com a adoção consciente de Deng Xiaoping da Economia de Mercado.

58 Foi anunciado em 1943.

59 Ele publicou seu relato em “Os Judeus Chineses”, *National Geographic*, outubro de 1907, Washington VOL. XVIII, Nº 10.

60 N.T.: referência à retirada dos nervos dos animais que são sacrificados, de acordo com a *kashrut*.

61 Por causa da cobertura para a cabeça que usavam para o culto religioso.

62 Por exemplo, uma língua comum, uma área de habitação, e costumes, atitudes e crenças compartilhados.

63 Xu Xin, “Política Chinesa para o Judaísmo”, simpósio internacional sobre a “Presença Youtai e a Percepção dos Judeus e do Judaísmo na China” (*Youtai-Presence and Perception of Jews and Judaism in China*), Universidade Johannes Gutenberg, Mainz, Alemanha, 2003.

64 Eles são declarados como tal, com base numa língua, tradições e geografia comuns. No censo de 1953, 41 nacionalidades minoritárias foram especificadas, algumas delas com vários milhares de pessoas (Zhuang 15, Mancu 8, Hui 8) e algumas com apenas algumas dezenas (Lhoba, Gaoshan). No censo de 1964, havia 183 nacionalidades registradas, dentre as quais o governo só reconheceu 54. Das outras 129 nacionalidades remanescentes, 74 eram consideradas parte das 54 oficialmente reconhecidas, enquanto 23 foram classificadas como “outras nacionalidades”; as outras 32 foram classificadas como “indeterminadas”.

65 Os Uygur (também Uighur) são um povo turco, expulsos da Mongólia em 840 pelo povo nativo Kirgiz; sua língua pertence ao grupo turco do Altaic. Eles vivem no noroeste da China e no Casaquistão e constituem uma maioria da população da Região Autônoma de Xinjiang Uygur.

66 No passado eles praticaram o Budismo, o Maniqueísmo e o Cristianismo. Hoje em dia, na sua maioria, são muçulmanos.

67 O Judaísmo Rabínico segue a descendência matrilinear: um judeu é definido como tal de acordo com o Judaísmo de sua mãe. No entanto, os movimentos Reformista e Reconstrucionista, ao adotar a descendência patrilinear na década de 1980, legitimaram uma prática que os judeus chineses já seguiam desde a Dinastia Ming (1368-1644).

68 Hong King, por outro lado, tem uma longa presença de judeus.

69 O Rabino Shlomo Greenberg chegou em Shanghai em 1998 e o Rabino Shimon Freundlich mudou-se para Harbin em 2001.

70 Assim como cafés e padarias *kasher*, biblioteca, grupos informais de estudo, instalações para o ensino médio e aulas de Bar Mitzvá.

71 De acordo com Zhou Xun, essa atração explica porque eles foram poupados da “política de um só filho” e gozam de um auxílio mensal do governo central.

72 Eles enviaram uma carta com mais de 44 assinaturas, repreendendo a comunidade de Kaifeng por ter abandonado o judaísmo.

73 Um pai e um filho do clã Li, aos quais, mais tarde se juntaram seis outros membros da comunidade de Kaifeng.

74 E para encorajar a pesquisa e o estudo sobre a experiência judaica na China.

75 O primeiro seminário aconteceu entre 14 de julho e 2 de agosto de 2002.

76 Em maio de 2003, Xu Xin recebeu o título de PhD honorário da Universidade Bar-Ilan.

77 Um desses livros, escritos em Hebraico e em Chinês, há 400 anos, registrou 10 gerações de uma família.

78 Noam Urbach, que escreveu uma tese sobre os judeus de Kaifeng para a Universidade Hebraica de Jerusalém, vive atualmente em Jinan, na China.

79 O diretor segue a família Jin – o pai Shlomo, a esposa Dina e sua filha agora vivendo em Jerusalém, depois de deixar a China, através da Finlândia, em 1999, com o apoio de um grupo Sionista Cristão.

80 Em particular, do clã Shi.

81 O Hebrew Union College, em Cincinnati, concordou em doar a Kaifeng duas microfichas desse trabalho.

82 Wang Yisha encontrou 123 erros ou afirmações enganosas no livro de White.

## REFERÊNCIAS

- BAINBRIDGE, Oliver. “The Chinese Jews” in *National Geographic*, October 1907, Washington VOL. XVIII, No. 10. \_\_\_\_\_ (ed. e tradução). *China in the Sixteenth Century: The Journals of Matteo Ricci; 1583-1610*. New York: Random House, 1953.
- BEN ISRAEL, Manasseh. *Esperança de Israel (Hopes of Israel)*. London: 1650.
- \_\_\_\_\_. *Vindicae Judeorum*. London, 1656.
- “China: A Jewish Question”. *The Economist* (USA) Dec 3, 1994, vol.46 (1).
- CONFUCIUS. *The Analects* (aprox. 500 AEC.). Traduzido por James Legge. *Ebooks Adelaide* 2004: <http://ebooks.adelaide.edu.au/c/confucius/c748a/complete.html>
- EBER, Irene. *The Jewish Bishop and the Chinese Bible, S.I.J. Schereschewsky*. Leiden: E.J. Brill, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Martin Buber and Taoism.” *Chinese and Jews*. (Tradução hebraica de *Chinese and Jews, Encounters between Cultures*). Jerusalem: Bialik Institute, 2002, p.132-55.
- FINN, James. *The Jews in China: Their Synagogue, Their Scripture, Their History, Etc.* London: B. Wertheim, Aldine Chambers, Paternoster Row, MDCCCXLIII [1843]; Taiwan: Ch’eng Wen, 1971 (Facsimile reprint of 1843 edition). E-book: <http://ebook.lib.hku.hk/CTWE/B36599360/>
- GABOW, Leo. *At the End of the Silk Road: The Jews of Kaifeng, China Points East*. Palo Alto, California: Sino-Judaic Institute, 1995.
- KELLER, Werner, *Diaspora: The Post-Biblical History of the Jews*. San Diego: Harcourt Trade Publishers, 1971.
- LESLIE, Donald D. *The Survival of the Chinese Jews*. Leiden: E.J.Brill, 1975.
- LÖW, Judah. *Nezah Yisrael*, on exile, messianic redemption, and repentance. Prague, 1599.
- MEYER, Maisie. “A Great Leap Forward?” *The Jewish Quarterly* (Spring 2005), p. 29-33.
- ORRICK, Phyllis. China’s Lost Jews. *SFeekly*, August 06, 1997. <http://www.sfweekly.com/1997-08-06/news/china-s-lost-jews/>
- SHAPIRO, Sidney: *Jews in Old China Studies by Chinese Scholars*. New York, Hippocrene Books, 2001.
- PEREDNIK, Gustavo. *La Judeofobia*. Barcelona: Flor del Viento, 2001. Em português: *Amarás Teu Próximo? A v na Cultura Universal*. Porto Alegre: Mekorot Produções

Culturais, 2002 (prefácio de Moacyr Scliar).

\_\_\_\_\_. "La compleja identidad sinojudaica" in *Historia y Grafía*, Revista del Departamento de Historia de la Universidad Iberoamericana, México, No. 28, agosto 2007, p. 69-100. (a)

\_\_\_\_\_. "The Chinese of Jewish Descent at Kaifeng" in LÓPEZ-CALVO, Ignacio (ed.). *Alternative Orientalisms*. Newcastle, England: Cambridge Scholars Publishing, 2007, p. 275-294. (b)

POLLAK, Michael. *Mandarins, Jews, and Missionaries: The Jewish Experience in the Chinese Empire*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1980.

\_\_\_\_\_. *The Torah Scrolls of the Chinese Jews; the History, Significance and Present Whereabouts of the Sifrei Torah of the Defunct Jewish Community of Kaifeng*. Dallas: Bridwell Library Southern Methodist University, 1975.

XU, Xin. *The Jews of Kaifeng, China: History, Culture, and Religion*. New Jersey: Ktav Publishing House, 2003.

\_\_\_\_\_; FRIEND, Beverly. *Legends of the Chinese Jews in Kaifeng*. New Jersey: Ktav Publishing House, 1995.

WHITE, William C. *Chinese Jews; A Compilation of Matters Relating to the Jews of K'ai-feng Fu*. 2<sup>nd</sup> edition, Toronto: University of Toronto Press, 1966.